

Em nova carta ao presidente, o senador sugere que ele investigue o enriquecimento de um de seus assessores. A descrição aponta para o porta-voz Cláudio Humberto.

19

Suruagy acusa assessor de Collor de corrupto

STEFANI LINS/AE

O senador Divaldo Suruagy (PMDB-AL) divulgou, ontem, nova carta dirigida ao presidente Fernando Collor, na qual o aconselha a "verificar o patrimônio de um dos membros de sua equipe". A denúncia, embora não mencione nomes, tem como alvo o porta-voz da presidência, Cláudio Humberto Rosa e Silva, fato admitido ontem no próprio comitê do senador. Na semana passada, Suruagy publicou carta a Collor denunciando cobrança de propinas na liberação de verbas federais.

"As informações que nos chegam é que ele, em menos de cinco anos, conseguiu, vivendo apenas de salário, escudando-se em nome de terceiros, adquirir uma chácara maravilhosa em Brasília, com quadra de tênis e piscina, comprar três automóveis — um Santana, 1991, uma utilitária Quantum, e um carro modelo Mercedes, instalar um escritório, muito bem equipado, no centro comercial de Brasília. Além disso, possui uma bela residência, em um loteamento nobre de Maceió", afirma o senador em sua nova carta, sobre o assessor de Collor.

"Reafirmo que é conveniente verificar o patrimônio de um dos membros de sua equipe, aquele que tanto denegriu sua honra e de seus familiares quando Vossa Excelência governou a prefeitura da capital alagoana", diz a carta. Assessores do senador lembraram que Cláudio Humberto foi um crítico feroz de Collor quando ele ocupou a prefeitura de Maceió.

Resposta ao porta-voz

Suruagy — que na carta afirma possuir apenas um apartamento após 25 anos de vida pública — justificou sua decisão de não citar o nome do assessor presidencial por não dispor de provas. "Mas só faltei citar as placas dos automóveis", disse. Ele alegou ainda

que sua denúncia é perfeitamente verificável: "Em Alagoas, um Estado pequeno, onde todos se conhecem, sabemos de tudo".

Outro fato admitido pelo próprio Suruagy, que conduz à identificação de Cláudio Humberto como alvo de sua denúncia, é que ela foi uma resposta à nota publicada na edição de ontem do jornal **Gazeta de Alagoas**, de propriedade da família Collor. A nota, intitulada 'Sem polêmica', diz: 'Do porta-voz do Planalto, Cláudio Humberto Rosa e Silva, a respeito de recentes declarações prestadas pelo senador Divaldo Suruagy à revista **Veja** e ao jornal **Folha de S. Paulo**, sobre a atuação dos alagoanos que auxiliaram no governo federal: "Não vou polemizar com esse sujeito, cuja figura curvada e dissimulada me enoja. Os alagoanos sabem que esse senador tem mais palha do que milho. Rabo de palha, naturalmente. E hoje se dedica a conspirar contra Alagoas, aliando-se ao que há de mais atrasado e suspeito no País".

O quinto parágrafo da carta de Suruagy a Collor se dedica à referência feita por Cláudio Humberto de que o senador teria "rabo de palha". Sobre isto, diz Suruagy ao presidente: "Ficaria imensamente agradecido, caso Vossa Excelência, agora que a imprensa noticia que o parlamento, na Suíça, aprovou lei revogando o rigoroso sigilo bancário, determinasse que o Ministério das Relações Exteriores, o Banco Central ou a Polícia Federal, por intermédio da Interpol. Solicitasse, oficialmente, se tenho ou se algum dia tive, um centavo sequer, em bancos daquele país ou em qualquer estabelecimento bancário no exterior".

A referência remonta à eleição de 1982 para o governo do Estado. Suruagy era candidato pelo PDS e foi acusado pelo jornal **Hora do Povo** de incluir uma lista de políticos que teriam contas em bancos suíços.



Cláudio Humberto: patrimônio sob suspeita.

Cláudio Humberto, de opositor a porta-voz presidencial.

O jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva, porta-voz da Presidência, conheceu Fernando Collor no final da década de 70, quando trabalhava na **Tribuna de Alagoas**. Ele fazia oposição cerrada a Collor, então prefeito de Maceió, a quem se referia como "anjo mau" e "cabelo de shampoo". Naquela época, Cláudio Humberto usava jeans surrados, dirigia um velho Passat carcomido pela maresia e frequentava bares de beira de praia de Maceió.

Em meados da década passada, Collor convidou-o para dirigir o jornal da família, a **Gazeta de Alagoas** e, em 1986, Cláudio Humberto assessorou o então candidato Fernando Collor na bem-sucedida campanha ao governo do Estado. Desde então nunca mais se desligou do chefe. Foi porta-voz do governador e atuou na campanha presidencial de Collor. Ganhou, então, US\$ 15 mil mensais mas, revelou em entrevista à revista **Playboy** do mês passado, e boa parte teria ficado bloqueada pelo primeiro pacote econômico.

Hoje, o velho Passat enferrujado não freqüenta mais a garagem de Cláudio Humberto. Ele é dono de um Phoenix de rodas douradas, marca da réplica do Mercedes mencionado na "carta aberta" do senador e que ele adquiriu dando em troca uma Quantum e dois outros carros. O porta-voz também circula pelas noites de Brasília num Santana dirigido por motorista particular. A exemplo do chefe, fuma charutos cubanos, só bebe scotch Logan e leva na pasta duas canetas Mont Blanc, a marca preferida do presidente.

No final de 1990, a **Folha de S. Paulo** mostrou que a fatura mensal do cartão de crédito do porta-voz — de Cr\$ 212,6 mil — era quase o dobro dos Cr\$ 112 mil, seu salário na época. Hoje ele recebe cerca de Cr\$ 500 mil por mês. Ele alegou que sua mulher Tais Vasconcelos, jornalista do **BSB Brasília**, o ajudava. No entanto, o salário de Tais era de Cr\$ 80 mil que, somado ao do marido, também não cobria a fatura do American Express.

Comissões: deputado aguarda apuração.

O deputado federal gaúcho e presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, Luís Roberto Ponte (PMDB), espera que a manifestação de empreiteiros paulistas sobre o pagamento de comissões para a intermediação de verbas federais — publicada ontem pelo **JT** — leve o governo a investigar o caso. Já o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) considerou "da maior gravidade" a denúncia

do senador Divaldo Suruagy (PMDB-AL), de que há corrupção na administração federal, mas disse não ter se surpreendido. "Corresponde a murmúrios que ouço por toda parte desde o início do governo".

"Essas denúncias reiteram as nossas, feitas em abril", lembrou Ponte. "Pode ser que agora o governo federal decida enfrentar o problema". Ele sugeriu que a sua entidade colabore nas investigações.